

PANTANEIRO, UM CAVALO DE VALOR EXTRAORDINÁRIO

Raça única e multifuncional, adaptada aos extremos do ambiente, tem ótimo desempenho na lida do gado, transporte, passeios e provas esportivas

POR SANDRA APARECIDA SANTOS E FÁBIO TAKAHASHI

Robusto, rústico e resiliente: assim é o cavalo Pantaneiro, extremamente adaptado à lida do gado no Pantanal, seja nos picos das cheias e secas, seja em qualquer uma das nuances de inundações e vazantes no meio de cada ciclo. Descendente dos equinos trazidos da Península Ibérica para o Brasil, na época da colonização, esse cavalo passou por séculos de adaptação em um ambiente dinâmico e complexo, com temperaturas extremas. Tornou-se uma raça única, reconhecida em 1972, quando foi

criada a Associação Brasileira de Criadores de Cavalo Pantaneiro (ABCCP), em Poconé, Mato Grosso, com papel fundamental no fomento, seleção e melhoramento da raça.

O valor genético adquirido no longo processo de seleção natural conferiu ao cavalo Pantaneiro características excepcionais de adaptação, rusticidade e funcionalidade. São animais capazes de resistir a doenças e até expressar bem-estar, mesmo em locais com restrições e distúrbios ambientais (episódicos ou persis-

tentes). Toleram tanto o calor como o estresse hídrico; atravessam trechos de vegetação mais densa; aproximam-se de boa parte da fauna silvestre sem susto; seus cascos resistem à umidade, em longas jornadas pela água e enquanto os cavalos se alimentam, dentro de ambientes aquáticos por longos períodos.

Essas características tornam o cavalo Pantaneiro um animal generalista e multifuncional, apto a viver e trabalhar nos mais variados ambientes e sistemas de produção. Para



manter tais características de adaptabilidade é preciso assegurar a estabilidade e a diversidade genética da raça, por meio de planos adequados de conservação, seleção e melhoramento.

Criada de forma semiextensiva em grandes propriedades rurais, a raça tem valor econômico no Pantanal. É essencial na lida do gado; consiste num dos principais meios de transporte para a população local (especialmente durante as cheias) e representa a cultura local aos olhos dos visitantes.

Nas fazendas de turismo, agrega valor por meio de cavalgadas e passeios equestres, associados à difusão do conhecimento sobre sistemas tradicionais de produção animal, em harmonia com a biodiversidade.

Devido à sua versatilidade e características funcionais, o cavalo Pantaneiro tem atraído compradores de diversas regiões do país, principalmente para ser utilizado na lida do gado, mas também em outras atividades, como equoterapia, cavalgadas e provas esportivas. A agilidade e o “sentido

do gado” do cavalo Pantaneiro estimulam sua participação em tais competições, com destaque para as provas de Laço Técnico, Laço Comprido, “*Team Penning*” (apartação de determinados bois do rebanho) e “*Ranching Sorting*” (seleção de gado e direcionamento para cercados/currais), entre outras.

Um fator importante nessas provas é a interação entre cavalo e cavaleiro, uma relação de confiança desenvolvida nos treinos e, também, nos cuidados diários e nas horas livres. A inserção da raça nos



Foto: Sandra Santos

eventos esportivos incentiva a participação da família – especialmente jovens e crianças – e funciona como uma garantia de continuidade, estimulando a conservação da raça para as próximas gerações. Para reforçar esse valor funcional do cavalo Pantaneiro nas provas esportivas é recomendável ampliar sua participação por meio de patrocínios.

No Pantanal, o cavalo é especialmente importante para a lida do gado em condições de cheia, pois é uma das poucas raças a apresentar cascos resistentes à umidade. Este valioso serviço funcional é mais valorizado pelos criadores que fazem questão de registrar seus animais na ABCCP. Mas deveria ser reconhecido por todos na região, pois é uma raça de

baixa exigência quanto a cuidados e insumos externos.

A alimentação do cavalo Pantaneiro é baseada principalmente em forrageiras nativas, um dos principais recursos renováveis da região, de alta sustentabilidade, pois as pastagens nativas não demandam tratamentos com o uso de combustíveis fósseis. Os animais dessa extraordinária raça ainda têm o hábito de consumir plantas dentro da água, como a lagartixa (*Nymphaea gardneriana*), aproveitando os diversos recursos da flora pantaneira.

Para valorar de forma adequada o trabalho funcional do cavalo Pantaneiro, vale recorrer à análise emergética, uma metodologia com visão sistêmica que avalia a energia incorporada para a realização do serviço



– no caso, a lida do gado – com a quantificação da contribuição do capital natural e insumos externos na execução do serviço.

Para tal análise, primeiro foi preciso definir um sistema de produção, com seus fluxos de entrada e saída de energia. A área considerada neste estudo

de caso foi de 100 hectares, cercada, fica na região do Pantanal e tem trechos de mata, cerrados e campos, com aproximadamente 30% de pastagem nativa. Comporta 17 cavalos Pantaneiros de serviço. As forrageiras nativas são as principais produtoras de alimentos para os animais (serviços de provisão), a partir do sol, da chuva e de nutrientes do solo, um recurso renovável. Os materiais e serviços básicos externos necessários consistem apenas de vacinas e medicamentos,

Foto: Sandra Santos



é o índice de renovabilidade, ou seja, a relação da energia renovável com a energia total, dando uma ideia da sustentabilidade do serviço. Neste estudo de caso, a renovabilidade foi de 64%. Quer dizer, no sistema

Útil na lida do gado (abaixo à esq), mesmo em áreas inundadas (pág ao lado), o cavalo pantaneiro (abaixo) também é boa opção no transporte, turismo, lazer e em competições



Foto: Sandra Santos

utilização de pastagem nativa e de outros materiais e serviços.

Outro índice obtido foi a quantificação do serviço, em “dólar emergético” por hectare. Em termos monetários, o valor do serviço de lida executado pelo cavalo foi de 603,53 dólares emergéticos por hectare/ano. E, isso, considerando apenas o manejo do gado, quando o cavalo Pantaneiro cumpre várias outras funções como meio de transporte, turismo rural e lazer.

Os resultados mostram como é valioso o serviço fun-

tralha, cerca, mão-de-obra, entre outros. O serviço produzido (lida do gado) tem saída interna (unidade de manejo/fazenda) ou externa (comercialização).

A partir da análise do fluxo da energia que entra e sai dessa área, foi possível estimar vários índices emergéticos. Um deles

de produção semiextensivo avaliado, os cavalos utilizaram grande parte dos recursos da natureza, transformando as forrageiras nativas em serviço funcional (lida do gado). Claro, esse valor depende do sistema de produção no qual os cavalos são criados, ou seja, do nível de

cional prestado pelo cavalo Pantaneiro, mantido em pastagem nativa, para o produtor rural, na região do Pantanal. A valoração deste serviço com certeza contribui na quantificação do ativo verde (ambiental) produzido pelos sistemas de criação sustentáveis.